

RECORD

10.10.2002

FUTURO RESPONSÁVEL PELAS SELECÇÕES

Carlos Silva – O homem que fugia das luzes

Sempre foi um homem do futebol. Mesmo quando dispersou as atenções por modalidades como andebol, voleibol e atletismo, nos tempos da infância passada em Lisboa, mais concretamente no bairro da Graça, era o pontapé na bola que o fascinava e lhe alimentava os sonhos.

Acompanhava-o também a paixão herdada do pai e extensiva a toda a família: o Clube de Futebol “Os Belenenses”. Hoje, Carlos Silva é o sócio 204 da colectividade da cruz de Cristo, apresentando vasta folha de serviços em representação dos azuis, como atleta, treinador e dirigente.



Carlos Silva

Toda uma história desportiva com início nas Salésias dos seus amores e da saudade dos adeptos azuis, e que se prepara, agora, para uma etapa executiva na nova equipa de Gilberto Madaíl para a Direcção da Federação Portuguesa de Futebol, na qual lhe está reservado o cargo de vice-presidente para as selecções.

Ligado ao fenómeno futebolístico há mais de cinquenta anos ? chegou às camadas jovens do Belenenses em 1951 –, Carlos Silva procurou sempre desviar-se dos holofotes da fama. Uma opção legítima de quem quis seguir o seu caminho sem grande evidência, convicção que sofre agora importante e arriscado teste: ser confrontado com um lugar que associa responsabilidade, perfil, competência e bom senso ao mediatismo de lidar com as maiores figuras do futebol português.

Jogador

Em miúdo costumava dizer aos amigos, dando expressão ao seu maior sonho que, um dia, os jornais ainda haviam de trazer com todas as letras “Carlos Silva, jogador do Belenenses”. Não se enganou. Às Salésias chegou com 17 anos, referenciado como jogador de andebol de onze ? campeão nacional pelo Benfica, clube que representara levado pelo seu professor de Educação Física no Liceu Gil Vicente. Mas os olhos de lince de Augusto Silva e Rodolfo Faroleiro, duas velhas glórias azuis, conduziram-no à equipa de futebol.

Em 1952/53 foi campeão de Lisboa em juniores, perdendo o título nacional para o FC Porto e só em 1954, com Fernando Riera ao leme, atingiu a titularidade da equipa principal dos azuis. Ao lado de José Pereira, Vicente, Di Pace e Matateu foi vice-campeão nacional, no célebre campeonato perdido a

quatro minutos do fim, aquele em que um golo do sportinguista Martins deu o título ao Benfica. Estávamos em 1955.

Treinador

Jogou no Belenenses até 1960/61, altura em que, por via de dificuldades financeiras do clube e do parecer técnico do treinador Henrique Vega, teve de sair. Um choque tremendo, sofrido numa fase de estabilidade emocional (acabara de se casar), com o estatuto devidamente consolidado (capitão que era referência) e na idade da maturidade plena (estava com 26 anos). Foi para a CUF do Barreiro, onde jogou três épocas, sempre na I Divisão, período no fim do qual foi para o Sintrense, no qual deu início à carreira de treinador, orientando-se pelos princípios inspiradores de Fernando Riera. Desde então – meados dos anos 60 – manteve laços com o Belenenses, ao qual esteve ligado nas camadas jovens e também como adjunto.

Sindicalista

Nos anos 70 emancipou-se definitivamente, engrossando a lista de treinadores da sua geração, como José Maria Pedroto, Joaquim Meirim, Juca, Mário Wilson, Manuel de Oliveira e António Medeiros, entre outros. Apesar das semelhanças ? era hábil no banco e as suas equipas jogavam um futebol bonito, apoiado, feito de muito toque e progressão lenta –, o período imediatamente a seguir ao 25 de Abril de 1974 deu-lhe um certo protagonismo nas lutas sindicais. Assistiu ao nascimento do sindicato dos treinadores, do qual foi presidente nos primeiros quatro anos, e à sua cisão da qual resultou o Sinbol. Desde a fusão das duas estruturas, em 1983, que ocupou lugares de destaque, como dirigente máximo ou como vice-presidente dos elencos comandados por Henrique Calisto e João Mota.

Dirigente

Essa veia burocrática afastou-o gradualmente do banco. No final dos anos 80, por indicação de Mário Rosa Freire, assumiu funções de secretário técnico do Belenenses. Coube-lhe a criação da equipa B, sob o nome Juventude de Belém, projecto cujo resultado ficou comprometido pela decisão da FPF em retirar onze pontos conquistados em campo, por alegadas irregularidades nunca devidamente explicadas. Mais tarde, em meados de 90, na gestão de Ramos Lopes, assumiu o cargo de director desportivo e coordenador do futebol jovem, que acumulou com o de presidente da Assembleia Geral do sindicato, que o indicou para a direcção técnica nacional. Da qual acaba de ser promovido para vice-presidente da FPF, tendo a seu cargo a fundamental área das selecções nacionais.

Propostas inovadoras

Em 1988, num congresso de futebol em Tróia, Carlos Silva assumiu um papel activo com duas propostas que, na altura, não faziam pelo menos todo o sentido para adeptos e pensadores: que o lançamento de linha lateral devia ser efectuado com os pés e que nos lances de atraso intencional para o guarda-

redes, este não poderia tocar na bola com as mãos se o passe tivesse sido feito com os pés. Quatro anos mais tarde, esta segunda proposta constituiu uma das mais revolucionárias alterações ao jogo introduzidas pela International Board. Antes, fizera também um trabalho interessante, suportado em regras específicas e na definição das medidas dos campos de jogo, defendendo que o futebol de sete era o mais indicado para a evolução dos jovens jogadores. Algo que, hoje, já poucos se atrevem a contestar.

Vencedor de concurso

“Afinal, ainda percebo alguma coisa de futebol”. Foi assim que Carlos Silva reagiu quando venceu um dos primeiros prémios semanais do popular concurso do nosso jornal, que, na altura, era denominado “Liga Fantástica” (hoje “Liga Record”). O prémio foi de 250 contos e o feito foi tanto mais surpreendente, quanto Carlos Silva tinha apostado numa equipa que não parecia fadada a grandes feitos.

O ‘pai’ Fernando Riera e o talentoso Pedroto

Nunca o escondeu: Fernando Riera foi o melhor treinador que teve e o seu maior inspirador. Defende mesmo a ideia segundo a qual o chileno foi o mais categorizado técnico que passou pelo nosso país, mais revolucionário que Otto Glória (com quem venceu a Taça de Portugal em 1959/60) e mais categorizado que Sven-Goran Eriksson (que interrompeu o ciclo fatalista de sucessivas derrotas nos anos 70). Lançou-o na época de 1954/55 e o desfecho do campeonato, favorável a Otto pelo empate belenense, nas Salésias, com o Sporting, traçou o destino de ambos e o lugar que cada um ocupa na história.

Quanto a Pedroto, não o apreciava como pessoa, nem aceitava os métodos utilizados, mas sempre lhe reconheceu enorme talento como treinador. As grandes lutas sindicais que travou colocaram-no sistematicamente do outro lado da barricada. Seja como for, sempre defendeu a ideia de ter sido José Maria Pedroto o expoente máximo do treinador português, um homem inteligente que dominava todas as vertentes da sua função.

Jogador intratável

O efeito público do futebolista Carlos Silva era semelhante ao de Paulinho Santos nos anos 90: era amado e odiado; referência da instituição que representava; jogador fisicamente poderoso, de uma coragem sem limites, que jogava a vida em cada lance, aos quais se entregava nem sempre inocente de segundas intenções. Não seria maldoso, mas não media o perigo de algumas entradas. Um daqueles jogadores para quem serve o princípio defendido por Jorge Valdano: quando se anda a 200 km/hora numa auto-estrada não significa que haja um desejo de morte; mas é preciso avisar quem comete a imprudência que a essa velocidade o acidente acontece mais facilmente. Consta que a sua maior fraqueza era Vicente Lucas. Quando alguém tocava no famoso companheiro, que tinha tanto de grande jogador como de boa pessoa, perdia a cabeça. E fazia questão de assumir o assunto como seu. Depois, rezam as crónicas, tudo podia acontecer.

Quem é quem

Nome: Carlos Francisco Santos da Silva

Data de nascimento: 9 de Abril de 1934

Naturalidade: Lisboa

Posição: Defesa e médio

Clubes como jogador: Belenenses (1951 a 1961); GD CUF (1961 a 1964); Sintrense (1964 a 1966)

Títulos: 1 Taça de Portugal (1959/60); vice-campeão nacional (1954/55); 2

Taças de Honra da AFL (1958/59 e 1959/60)

Internacionalizações: 6 pela selecção militar

Clubes como treinador: Sintrense (II Divisão), Belenenses (camadas jovens e adjunto dos treinadores principais), GD CUF, Barreirense, Sp. Farense, Atlético, Belenenses (técnico principal), Sp. Farense (regressou), Oriental, Atlético (outro regresso), Nacional da Madeira e Olhanense (onde esteve quatro anos)

Autor: RUI DIAS

Data: Quinta-Feira, 10 de Outubro de 2002 01:06:00